

OS PAÇOS MEDIEVAIS DE AVIS

Jorge RODRIGUES

O edifício dos antigos Paços do Concelho da Vila de Avis, situado junto à igreja Matriz, foi referenciado nessa função desde a Idade Média, correspondendo provavelmente à primitiva Sala de Audiência aí instituída. De facto, a Vila de Avis resultou de uma fundação dos antigos Cavaleiros de Évora, Ordem religiosa militar criada naquela cidade em 1166 - resultando do agrupamento dos cavaleiros que auxiliaram Geraldo-sem-Pavor a conquistá-la aos muçulmanos - que receberá as terras de Avis no início do século XIII, aí se instalando em 1214, ficando desde então conhecidos como os cavaleiros da Ordem de Avis.

As funções de *Câmara* serão aí desempenhadas não só durante toda a Idade Média mas igualmente durante o século XVI e início do seguinte (ver COSTA, 1984, p. 2 ss.), altura em que há ainda referências à sua utilização, apenas sendo substituída quando da construção dos novos Paços do Concelho, datados de 1674 (ver RODRIGUES, 1993, p. 25). Depois disso a sua história é obscura, tendo sido muito modificada em diversos momentos, particularmente no século XIX, altura em que - tudo indica - terá sido construída a abóbada que cobre o piso térreo do edifício, dividindo a construção em altura; esta abóbada assenta, de ambos os lados da sala principal, em três arcos em tijolo encostados ao dorso interior das paredes. A descoberta do conjunto de cinco pares de janelas ogivais - um dos quais de arco trilobado - revela que o espaço interior seria decerto unificado (em altura), já que a abóbada veio entaipar essas janelas - viradas a Norte, para o vale, sintoma de que estariam já desfuncionalizadas na altura. Antes de nos debruçarmos mais detalhadamente sobre o edifício vejamos qual o seu significado histórico e artístico.

A CAMARA

Originalmente o termo *Câmara*, designando a dependência dos Paços do Concelho onde só tinha acesso a vereação - "os mais chegados da casa" (ver SILVA, 1993, p. 28) - para se reunir e decidir, não faria mais que caracterizar uma sala ampla e aberta, espaço de singular importância no contexto da administração medieval. Esta sala seria a mais importante de todo o conjunto dos Paços do Concelho, facto que levará à progressiva adopção da simples designação de *Câmara* para nomear o conjunto dos próprios paços concelhios.

Uma das mais antigas destas câmaras no território português, reflectindo ainda princípios políticos e sociais de carácter comunitário, será a *Domus Municipalis* de Bragança, edifício pentagonal de características ainda românicas, embora a sua construção deva ser já atribuída ao século XIII; para além da ampla sala ou câmara superior, com um banco de pedra corrido a toda a volta onde se sentavam os "homens-bons" para decidir do governo do burgo, tem ainda uma função utilitária importante, já

que constitui a parte superior - de fecho - de uma ampla cisterna (como ainda existe em Avis), fundamental dentro de qualquer castelo em caso de cerco.

Mais próximas da *Câmara* de Avis ficam, porém, as Salas da Audiência de Estremoz e Monsaraz. Mais próximas, refira-se, quer porque se constroem no Alentejo - zona então recém conquistada aos muçulmanos e com uma estrutura de povoamento mais uniforme, em que as ordens militares religiosas tiveram grande importância - quer porque serão sensivelmente da mesma época, com evidentes afinidades artísticas.

Os Paços de Estremoz, ditos de D. Dinis porque foi este monarca que patrocinou a sua construção, são hoje uma peça híbrida, já que foram muito danificados pela explosão de um paiol de pólvora em 1698. Certo é que estariam já construídos em 1281, ostentando o escudo com as armas da Vila sob o alpendre, hoje abobadado; a grande sala interior - a tal *câmara* de que falámos - seria inicialmente coberta por um tecto de madeira (como provavelmente a de Avis), sendo abobadada por iniciativa de D. Manuel I, que lhe alterou a leitura do espaço por volta de 1500, nobilitando-o. Embora da construção do século XIII pouco reste, sendo a actual já das obras posteriores a 1320, a entrada no edifício é feita por um portal ladeado por janelas geminadas - havendo outro conjunto de cinco arcos geminados ogivais que dariam para o lado oposto (para além de algumas frestas igualmente geminadas, semelhantes às que encontramos no mosteiro trecentista de Flor da Rosa, no Crato) - numa evidente aproximação ao edifício da Avis. Interessante é ainda o facto de se conservarem partes dos bancos de pedra destinados às reuniões camarárias.

A aproximação ao edifício de Avis é mais evidente ainda nos Paços de Concelho de Monsaraz, obra mais tardia já que parecem ter sido concluídos apenas no reinado de Afonso IV, em pleno século XIV. Isto apesar de sabermos que a sua construção se iniciou ainda no tempo de D. Dinis, pouco depois da outorga do foral à Vila, ocorrido em 1276 e ainda iniciativa de Afonso III.

Aqui encontramos um edifício que sofreu também as inclemências dos séculos, já que foi bastante alterado e danificado (pelo terramoto de 1755), conservando a sua estrutura de caixa paralelepédica - algo irregular - coberta por abóbada ainda medieval e abrindo-se por um conjunto de portal e cinco frestas geminadas ogivais, estas colocadas em duas paredes que formam um ângulo: a da rua direita e a da praça da Igreja, elemento nuclear no urbanismo da povoação. Como em Estremoz, também aqui a sala é antecedida por uma divisão - neste caso é um nartex fechado, em Estremoz era uma galeria porticada - que estabelece uma importante transição entre o espaço exterior e a *Câmara* propriamente dita.

A CÂMARA MEDIEVAL DE AVIS

O edifício de Avis é hoje constituído por duas salas no piso térreo (já que o superior não existiria, razão porque não o consideraremos), salas que seriam cobertas por uma estrutura de vigamento de madeira e telha, bem mais alta que o piso actual e com uma relação proporcional mais próxima das outras Salas de Audiência ou câmaras. O conjunto de janelas, geminadas nos três casos analisados, permitiria a ampla iluminação do edifício, desempenhando ainda a função simbólica de assinalar a sua dignidade, sendo de uma tipologia muito próxima nos três casos abordados. O pouco apontamento dos arcos, bem como a presença das frestas de arcos trilobados, fazem-

nos propôr uma data avançada do século XIV para o edifício de Avis, decerto já da segunda metade.

Mais interessante e problemático é, porém, a questão das duas divisões que ainda hoje se conservam. Tudo indica que seriam originais, já que há uma clara distinção das janelas - quatro frestas de arcos geminados ogivais na parede da grande câmara (fig. 1), uma só de arcos geminados trilobados na sala pequena (fig. 2) - sendo ainda visível que a parede que as separa já existiria na construção primitiva; isto porque conserva as ombreiras em pedra em que assentaria o arco de uma porta, mais larga que a actual, cujas aduelas parecem estar hoje utilizadas como material de aproveitamento no exterior da parede oriental, resultado decerto das mesmas obras do século XIX que entaiparam as frestas geminadas e dividiram o edifício em altura.

A entrada actual do edifício faz-se por uma porta incaracterística a ocidente, já que o lado oposto recebeu uma escada que conduz ao piso superior, feito de novo no século passado, porta para a qual não haveria espaço em mais nenhuma face do edifício, "apertado" entre a Igreja (que se alargou na época moderna, estreitando a rua que a separa da câmara) e o casario circundante, ainda implantado segundo o modelo do urbanismo medieval da Vila (de "bastide", como era comum então nas fundações das ordens militares religiosas).

Esta questão da escada é extremamente importante já que estamos hoje convencidos que a entrada principal do edifício se faria precisamente por esse lado nascente, sendo a pequena divisão um nartex coberto semelhante ao que encontramos em Monsaraz, com a mesma função de antecâmara que teria também a galeria porticada de Estremoz.

Um estudo mais aprofundado, suportado por trabalhos arqueológicos e uma mais completa análise documental, permitirá confirmar a pertinência das hipóteses avançadas nesta notícia preliminar.

BIBLIOGRAFIA

- COSTA, Maria Clara Pereira, *A Vila de Avis Cabeça da Comarca e da Ordem. Século XVI a XVIII*, Lisboa, 1984
- ESPANCA, Túlio, *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora*, Lisboa, A.N.B.A., Vols. VII e VIII, 1975; IX e X, 1978
- KEIL, Luís, *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Portalegre*, Lisboa, A.N.B.A., Vol. I, 1943
- RODRIGUES, Jorge, *Guia Artístico de Avis, Avis*. Câmara Municipal, 1993
- SILVA, José Custódio Vieira, *Paços Medievais Portugueses*, Lisboa, I.P.P.A.R., 1995

